

Marcos Bagno

# GRAMÁTICA DE BOLSO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	9
GUIA DE USO.....	11
<b>1</b> <sup>GO</sup> POR QUE PORTUGUÊS BRASILEIRO? .....	19
1.1. É o Brasil, como fica? .....	26
1.2. Que língua é essa? .....	31
<b>2</b> <sup>GO</sup> CERTO OU ERRADO? ONDE, QUANDO, POR QUÊ?.....	39
2.1. E no caso da língua? Como é que ficamos?.....	45
2.2. De Roma até o Brasil.....	56
2.3. Certo e errado não cabem na escola .....	60
<b>3</b> <sup>GO</sup> FALA, ESCRITA, HIBRIDISMO, ORTOGRAFIA .....	63
3.1. A falácia clássica .....	63
3.2. Fala e escrita: mais semelhanças do que diferenças	68
3.3. Hibridismo inevitável.....	70
3.4. Mais uma falácia tradicional .....	75
3.5. A confusão de escrita com ortografia .....	78
3.6. Outra confusão: língua escrita = norma-padrão.	81
3.7. A ortografia não faz parte da língua .....	82
3.8. Mitos em torno da ortografia .....	84
3.9. Como tratar os erros de ortografia .....	92
<b>4</b> <sup>GO</sup> PARA ENTENDER A GRAMÁTICA .....	103
4.1. Lexicogramática.....	104
4.2. A oposição verbo-nominal .....	112
4.3. Análise vs. síntese.....	118

4.4. Sintagma e paradigma.....	122
4.5. Ordem dos constituintes.....	128
4.6. Dêixis e anáfora.....	131
4.7. Proformas.....	138
4.8. Sujeito pleno e objeto nulo.....	141
4.8.1. A vitória do sujeito pleno.....	141
4.8.2. A vitória do objeto nulo.....	146
4.9. Topicalização.....	148
4.9.1. Construções de tópico.....	148
4.9.2. Tópico vs. sujeito?.....	151
4.10. Formas marcadas e não-marcadas.....	154
4.11. Sintaxe, semântica, pragmática.....	159
4.12. Gramaticalização.....	163
4.13. Estudo de caso.....	191
4.14. O que é o português brasileiro?.....	198

<b>5</b> PORTUGUÊS BRASILEIRO EM SALA DE AULA.....	199
5.1. A língua não para.....	203
5.2. Verbos.....	204
5.2.1. <i>Conjugação verbal</i> .....	204
5.2.2. <i>Regência verbal</i> .....	206
5.2.3. <i>Verbos irregulares</i> .....	209
5.2.4. <i>Subjuntivo</i> .....	210
5.2.5. <i>Imperativo</i> .....	211
5.2.6. <i>Tempos verbais menos usuais</i> .....	211
5.2.7. <i>Voz passiva “sintética”</i> .....	212
5.2.8. <i>Verbos causativos e sensitivos</i> .....	214
5.2.9. <i>Uso adverbial de haver</i> .....	214
5.2.10. <i>Verbos apresentacionais e concordância</i> ...	216
5.2.11. <i>Verbos inacusativos e concordância</i> .....	218
5.2.12. <i>Concordância verbal: a ilusão da “regra geral”</i> .....	219
5.2.13. <i>Sujeito posposto e concordância</i> .....	220
5.3. Nomes.....	221
5.3.1. <i>Gênero dos substantivos</i> .....	221
5.3.2. <i>Número da palavra óculos</i> .....	222
5.3.3. <i>Concordância nominal</i> .....	222

5.4. Verbinominais .....	224
5.4.1. <i>Particípios abundantes</i> .....	224
5.4.2. <i>Para mim + infinitivo</i> .....	227
5.4.3. <i>De + o + sujeito de infinitivo</i> .....	227
5.5. Índices pessoais .....	228
5.5.1. <i>Primeira e segunda pessoas</i> .....	228
5.5.2. <i>A falácia da “mistura de tratamento”</i> .....	230
5.5.3. <i>Sintaxe dos clíticos no PB</i> .....	231
5.5.4. <i>Possessivos da 2ª pessoa</i> .....	234
5.6. Mostrativos .....	234
5.6.1. <i>Demonstrativos</i> .....	234
5.6.2. <i>Não-pessoa do discurso</i> .....	235
5.6.3. <i>O pronome se</i> .....	237
5.7. Advérbios .....	238
5.7.1. <i>Advérbios flexionáveis</i> .....	238
5.8. Preposições .....	239
5.8.1. <i>Preposição a</i> .....	240
5.8.2. <i>Preposição entre</i> .....	241
5.9. Conjunções .....	242
5.9.1. <i>Conjunção mas</i> .....	242
5.9.2. <i>Queísmo e dequeísmo</i> .....	242
5.10. Pronomes relativos .....	243
5.10.1. <i>Emprego de onde/aonde</i> .....	245

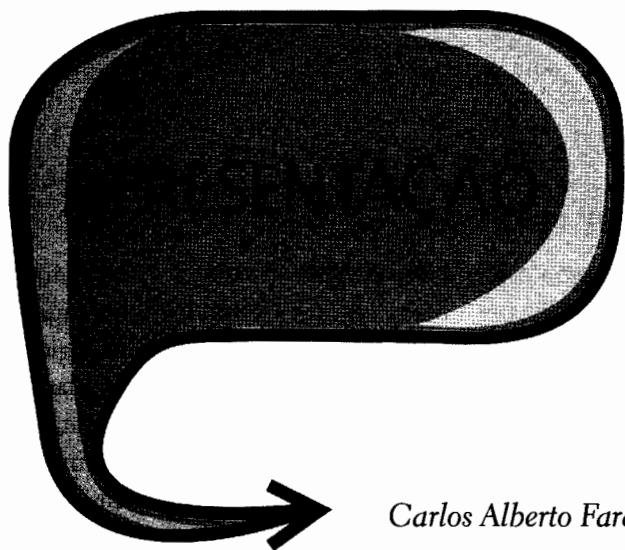
## 6

ERROS A CORRIGIR: A HIPERCORREÇÃO .....	247
6.1. <i>A hipercorreção: o que é e de onde vem?</i> .....	247
6.2. <i>Quando é que o erro existe?</i> .....	251
6.3. <i>Erro é o dos outros</i> .....	252
6.4. <i>O princípio sociocognitivo da hipercorreção</i> .....	253
6.5. <i>Algumas hipercorreções contemporâneas e seu lugar na escala social</i> .....	255
6.6. <i>Possuir</i> .....	257
6.7. <i>Encontrar-se</i> .....	262
6.8. <i>Onde</i> .....	264
6.9. <i>Concordância de ter/haver apresentacionais</i> .....	267

6.10. <i>Trata-se de</i> .....	269
6.11. Concordância indevida em orações clivadas ( <i>é ... que</i> ) .....	272
6.12. Particípios passados irregulares: <i>chego,</i> <i>mando, trago</i> .....	275
6.13. <i>O mesmo</i> .....	277
6.14. Equívoco de análise de <i>o/a/os/as</i> .....	280
6.15. <i>Vosso</i> .....	283
6.16. <i>O qual</i> .....	284
6.17. O aspecto verbal durativo .....	289
6.18. <i>Num, numa, nuns, numas</i> .....	292
6.19. Duplas negativas .....	293
6.20. “ <i>Cujo o</i> ” .....	296
6.21. <i>Mediante</i> .....	298
6.22. Emprego incorreto da ênclise .....	299
6.23. <i>Confusão</i> entre verbo conjugado e infinitivo verbal	302
6.24. <i>Diferenciado</i> .....	302
6.25. Em síntese .....	306



<b>QUATRO AULAS PRÁTICAS</b> .....	309
Introdução .....	309
7.1. 1ª aula: <b>CUJO</b> .....	312
7.1.1. <i>Exame da tradição normativa</i> .....	312
7.1.2. <i>Constituição de um corpus</i> .....	313
7.1.3. <i>Coleta dos dados</i> .....	315
7.1.4. <i>Variantes mais frequentes no português</i> <i>brasileiro</i> .....	317
7.2. 2ª aula: <b>O ACENTO INDICADOR DE CRASE NO À</b> .....	320
7.3. 3ª aula: <b>INFINITIVO VS. VERBO CONJUGADO</b> .....	325
7.4. 4ª aula: <b>IMPERATIVO</b> .....	329
7.4.1. <i>O imperativo afirmativo</i> .....	330
7.4.2. <i>O imperativo negativo</i> .....	336



*Carlos Alberto Faraco*

**A SOCIEDADE** brasileira sofre linguisticamente com o fenômeno que o filólogo Celso Cunha chamou (em seu artigo “Política e cultura do idioma”) de “dualismo das normas”. Ao lado da norma culta efetivamente praticada (endógena, portanto), existe uma norma importada (exógena) que não combina com o senso linguístico brasileiro, mas que nos tem sido imposta, desde meados do século XIX, por um (resistente) discurso pseudopurista que contamina, em particular, o sistema escolar e a mídia.

Apesar de ter tido pouco sucesso prático (os fatos importados nunca foram assimilados pelos falantes), essa norma tem

sido fartamente utilizada para grudar rótulos negativos nas pessoas e para submetê-las a atos de exclusão, seja no sistema escolar, seja no mundo do trabalho. Seu insucesso prático resultou também no desenvolvimento de uma cultura do erro que pauta negativamente nossas relações socioculturais com a língua portuguesa.

Desde que a linguística se tornou matéria universitária no Brasil (1962), tem havido inúmeros estudos sistemáticos da história e da realidade sociolinguística e dialetológica do nosso país. Essas pesquisas podem ser, quando amplamente difundidas, um valioso fator de renovação e atualização dos nossos instrumentos normativos (dicionários e gramáticas), que só muito timidamente se abrem para os fatos da nossa norma real.

O linguista Marcos Bagno tem se empenhado para tornar de amplo conhecimento social esse nosso saber acumulado, produzindo importantes obras de divulgação e de referência, como esta *Gramática de bolso do português brasileiro*, que retoma, de forma sintética, pontos discutidos em sua extensa *Gramática pedagógica do português brasileiro*.

O que fascina o leitor em todos esses trabalhos é a cuidadosa argumentação empírica feita pelo autor: valem os fatos, não as opiniões arbitrárias. São contribuições indispensáveis para todos quantos se dedicam ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa, bem como aos que cotidianamente estão envolvidos com as práticas socioculturais sobre as quais recai a expectativa do uso monitorado da língua.